

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho.

O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas

GT 09 - Desigualdad Socioeconomica y Desarrollo

Lutas na cidade e o trabalho na periferia de São Paulo: a experiência do banco comunitário
União Sampaio

Marta de Aguiar Bergamin,

Doutora em Sociologia pela UFSCAr, Professora da Escola de Sociologia e Política de São
Paulo

Lutas na cidade e o trabalho na periferia de São Paulo: a experiência do banco comunitário União Sampaio

Resumo

O objetivo deste texto é analisar uma experiência na cidade de São Paulo, o desenvolvimento do banco comunitário União Sampaio, localizado no bairro do Campo Limpo (que possui uma moeda que circula localmente na sua comunidade de pertencimento) e a formação, ainda mais recente, de uma agência de fomento de atividades culturais, a Agência Popular de Cultura Solano Trindade. Apostando em novas articulações para lutas políticas, o banco comunitário se junta com coletivos artísticos da região para estruturação de um mercado de trabalho fora do eixo convencional, com produção e consumo da arte produzida na periferia, fomentando um mercado de trabalho da cultura que possa ligar as diversas dimensões dessa “cadeia produtiva”, ainda a ser em grande parte construída.

O objetivo deste texto é analisar uma experiência recente na cidade de São Paulo e seus desdobramentos: o desenvolvimento de um banco comunitário com uma moeda que circula localmente na sua comunidade de pertencimento e a formação, ainda mais recente, de uma agência de fomento de atividades culturais. O Banco União Sampaio está localizado no bairro do Campo Limpo. Ali surgiu essa experiência, vinculada à União Popular de Mulheres da Zona Sul, uma associação com longa história, atuando como um movimento social nas décadas de 1990 e anos 2000, até que precisou se institucionalizar como uma Ong para conseguir tocar projetos para a comunidade e se sustentar. A atuação do banco comunitário se desenrola neste cenário de grandes e graves problemas sociais. Os conflitos violentos trazem parâmetros importantes para a atuação do banco na comunidade: a busca por formar alternativas reais que possam mostrar caminhos factíveis para os jovens que buscam, entre outras coisas, trabalho, reconhecimento social e acesso à cidade.

O banco caminha para o seu terceiro ano de funcionamento, e foi formado em conjunto com outros quatro bancos com assessoria da Incubadora Tecnológica de Cooperativas da USP – a ITCP, do Banco Palmas de Fortaleza e da SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária, em convênio com a UMM SP – União dos Movimentos de Moradia de São Paulo. Esse seu pouco tempo de vida nos mostra que as dificuldades enfrentadas são enormes para todas as experiências, destacando o fato de que os bancos funcionam com poucos recursos. Mas a fragilidade da constituição institucional do banco não tem se apresentado como um limitador para o seu desenvolvimento nesta experiência analisada. O banco União Sampaio movimenta R\$ 2.000,00 em Sampaio (a moeda social) com lastro em reais. O volume de recursos é destinado para empréstimos pessoais, sem pagamento de juros, e para crédito solidário (empréstimos de até R\$ 500,00 em Sampaio), com juros bem inferiores aos praticados no mercado. Os empréstimos pessoais são para as necessidades básicas como, por exemplo, a compra de um botijão de gás, pagamento de contas, compras de bens de necessidade nos mercados locais que aceitam a moeda. Já os empréstimos solidários têm se destinado àqueles que desejam investir em empreendimentos produtivos, que podem ser desde a abertura de uma loja no comércio local até a reforma de

uma banca de venda de alho e cebola na rua. Mas também o banco tem efetuado empréstimos para escritores e artistas para que consigam fazer circular a sua produção.

A coordenação do banco mostra uma atuação junto à comunidade e apresenta idéias novas sobre o que pode ser um desenvolvimento comunitário e o processo de fortalecimento de um projeto como esse. A partir dessa experiência foi possível articular e congregar diversos atores sociais que começaram juntos a pensar e atuar para desenvolver o que chamam de economia da cultura ou uma economia criativa. Formam a Agência Popular de Cultura Solano Trindade. A grande novidade que vem ocorrendo na zona sul da cidade de São Paulo são os grupos de produção de cultura que começaram a desenvolver através deste e de outros projetos, o que chamam de uma luta política. O principal objetivo para esse coletivo que vai se formando é o sustento das experiências e, para isso é necessário fortalecer um mercado de produção e consumo do que é produzido ali. Os grupos de produção cultural existem e sempre existiram na periferia, mas carecem da falta de um mercado estruturado para que a sua produção possa se sustentar. As opções de trabalho para os jovens na periferia são extremamente limitadas e estão entre uma inserção muito precária em empregos informais ou de pouca remuneração e a participação em atividades ilícitas, como o tráfico de drogas. Com formas de produção e consumo de arte em um circuito alternativo caminha-se para novas atitudes e exemplos para quem vive na periferia.

Para remontar a história deste coletivo podemos nos remeter há alguns escritores e artistas saídos dali que ganharam reconhecimento nacional e abriram as portas para a expressão de novos artistas. Há autores com uma produção literária já estabelecida como Ferréz e Sérgio Vaz, grupos musicais reconhecidos, como o Racionais MC's, e inicia-se uma efervescência ligada à produção de cultura para esta parte da cidade, nunca retratada, nunca reconhecida. Com a instituição dos saraus, o Sarau da Cooperifa, com Sérgio Vaz, já com 10 anos, o Sarau do Binho e, mais recentemente, o Sarau da Vila do Fundão, com um pouco mais de um ano de existência, este movimento vai ganhando corpo. Essa produção cultural começa a se orgulhar deste lugar social e pode, então, falar sobre a periferia para a periferia. Alguns artistas começaram este processo de uma produção literária e musical vinculada aos temas da periferia como a violência, inclusive policial – temas antes que não eram retratos desta maneira.

O desenvolvimento da Agência Popular de Cultura Solano Trindade começa a articular novos atores sociais que organizados em rede podem ganhar uma força que se estivessem isolados não teriam, e não conseguiriam realizar projetos mais ambiciosos. O fomento à cultura local pela Agência está vinculado à experiência do banco Sampaio. A principal meta seria estabelecer trocas de serviços com uma moeda própria baseada em trabalho e, intercambiável em Sampaio, para que se montasse uma “cadeia produtiva” que possa incentivar os jovens da comunidade a se profissionalizar artisticamente e também em áreas afins, como a produção técnica musical, por exemplo.

A Agência, articulada com a atuação do Banco Sampaio, busca fomentar um movimento político. Para tanto, busca integrar uma movimentação de atores sociais que podem congrega novas articulações nas suas comunidades, isso porque convivem com as lógicas da política local, conhecem e convivem com os movimentos do narcotráfico no bairro e com as urgências da vida na periferia de São Paulo e podem, assim, construir algo novo. Vemos então a articulação de um movimento que não se encontra atrelado a formas institucionalizadas de organização e execução dos projetos. Mas, apostam em novas articulações para lutas políticas, que no momento atual, parecem se voltar para uma estruturação de um mercado fora do eixo convencional, com produção e consumo da arte produzida na periferia, fomentando um mercado de trabalho da cultura que possa ligar as diversas dimensões dessa “cadeia produtiva”, ainda a ser em grande parte construída.

Bibliografia

ARENDT, Hannah (1995). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

COUTROT, Thomas (2005). *Démocratie contre capitalisme*. Paris: La Dispute.

FARIA, Maurício Sarda de (2005). “Autogestão, cooperativa, economia solidária: avatares do trabalho e do capital. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Filosofia e Ciências do Homem da UFSC.

FOUCAULT, Michel (2002). “Aula de 17 de março de 1976”. In: *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.

GAIGER, Luiz Inácio (2004). “As emancipações no presente e no futuro”. In: *Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS.

- _____. (2000). “Os Caminhos da Economia Solidária no Rio Grande do Sul”. In: *Economia Solidária no Brasil - a autogestão como resposta ao desemprego*. Org. por Paul Singer e André Ricardo de Souza. Contexto, São Paulo.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo (2009). “A sociologia dos mercados de trabalho, ontem e hoje”. *Novos Estudos*, nº 85, São Paulo: Cebrap.
- KRAYCHETE, Gabriel (2000). “Economia dos setores populares”. In: *Economia dos setores populares; ente a realidade e a utopia*. Org. por Gabriel Kraychete, Francisco Lara e Beatriz Costa. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: Capina, Salvador: CESE e UCSAL.
- KOWARICK, Lúcio (2002). “Viver em risco: sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano”. *Novos Estudos*, nº 63, São Paulo: Cebrap.
- LAVILLE, Jean-Louis e FRANÇA-FILHO, Genauto (2004). *Economia Solidária: uma abordagem internacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- LEITE, Márcia de Paula (2009). “O trabalho no Brasil dos anos 2000: duas faces de um mesmo processo”. Workshop A informalidade revistada: das origens às novas abordagens. ABET: Recife.
- LIMA, Jacob C. (2011). “O trabalho e a utopia da igualdade social”. Resenha do livro de Adalberto Moreira Cardoso: *A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades* (2010, Rio de Janeiro: Ed. FGV). *Novos Estudos*. Nº 89, São Paulo: Cebrap.
- OLIVEIRA, Francisco e RIZEK, Cibebe (org.) (2007). *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo.
- POCHMANN, Márcio (2010). Entrevista. *Caros Amigos*. Nº 161, São Paulo, Casa Amarela.
- RANCIÈRE, Jacques (1996). *O desentendimento – política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34.
- RIZEK, Cibebe (2006). “Cidade, comunidade e violência”, versão de texto apresentado na ABA, Goiânia.
- SINGER, André (2009). “Raízes sociais e ideológicas do lulismo”. *Novos Estudos*. N. 85, São Paulo: CEBRAP.
- SINGER, Paul (2002). *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- _____. e Souza, André (2000). *A Economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto.
- TELLES, Vera (2010). “Illegalismos urbanos e a cidade”. *Novos Estudos*. Nº 84, São Paulo: Cebrap.
- VILLAÇA, Flávio (2001). *Espaço Intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Nobel, FAPESP, Lincoln Institute.
- YUNUS, Muhammad (2000). *O banqueiro dos pobres*. Com Alan Jolis. São Paulo: Ática.